

# Rede Somos Todos Lúcio Flávio Pinto: rebeldia e ativismo político amazônico na Web<sup>1</sup>

**Célia Regina Trindade Chagas Amorim\***

## **Resumo**

*Neste artigo, analisa-se a formação de uma rede alternativa criada em 2012, na Web, em solidariedade ao jornalista e sociólogo Lúcio Flávio Pinto, editor do Jornal Pessoal. A hipótese dessa comunicação científica assenta-se na ação cívica que a rede contra-hegemônica tem proporcionado na geopolítica contemporânea ao dar visibilidade, por meio de articulações e interações locais/nacionais/globais, à perseguição jurídica e política que o jornalista vem sofrendo por parte das Organizações Rômulo Maiorana, uma das mais poderosas empresas de Comunicação na Amazônia, por empreiteiros que se apossam ilegalmente de terras na região e pelo Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJE-PA), representado por juízes e desembargadores que usam como modus operandi o poder de negar recursos impetrados pelo jornalista em sua defesa. A finalidade é calar a voz independente do periódico, que este ano completará 27 anos de atuação em defesa da causa pública na Amazônia. A rede de leitores, ativistas e profissionais de jornalismo vem se constituindo uma nova esfera de ação comunicativa na Web, engrossando outras esferas alternativas que se organizam, independentemente do Estado, contra as injustiças na região. Os autores que balizam este estudo são Manuel Castells, John Downing, Berta Becker e Violeta Loureiro.*

**Palavras-chave:** Rede. Comunidade virtual. Esfera pública alternativa. Amazônia.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado no 9º Encontro Nacional de História da Mídia, na Universidade Federal de Ouro Preto, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2013. Ganhou destaque no Observatório da Imprensa no mesmo ano. Foi ampliado e revisado para esta revista.

\* Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM-UFPA). Professora da Faculdade de Comunicação Social (Facom). Vice-diretora da Faculdade. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Mídias Alternativa na Amazônia, CNPq-UFPA.  
E-mail: celia.trindade.amorim@gmail.com.



## Introdução

No mundo contemporâneo, existem milhões de usuários agrupados em redes planetárias cobrindo todo o espectro da comunicação humana. A comunidade virtual *Somos Todos Lúcio Flávio Pinto* é uma delas. A rede se originou em fevereiro do ano passado, na internet, pelo do direito de comunicação na Amazônia.

O epicentro foi a perseguição jurídica e política que vem sofrendo o sociólogo e jornalista Lúcio Flávio Pinto por parte das Organizações Rômulo Maiorana, uma das mais poderosas empresas de Comunicação na Amazônia; por empreiteiros que se apossam ilegalmente de terras na região, os chamados grileiros; e pelo Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJE), representado por determinados juízes e desembargadores. Estes, intérpretes do Direito, usam como *modus operandi* procedimentos administrativos e jurídicos para negar sucessivos recursos impetrados pelo jornalista em sua defesa. Trata-se de uma justiça que historicamente defende interesses de grupos hegemônicos na região. A finalidade é dar fim à experiência alternativa do *Jornal Pessoal*.

Mesmo depois da era pré-www, anterior a 1995 (CASTELLS, 1999), a luta pelo direito de comunicação do jornalista era restrita a leitores da região ou, quando muito, a alguns brasileiros e estrangeiros que recebiam pelos Correios o *Jornal Pessoal*, ainda no padrão gutembergiano. Amante da cultura letrada, Lúcio Flávio Pinto só aderiu à “Rede das redes” (CASTELLS, 1999) em 2008, quando postou o *Jornal Pessoal* na íntegra. De um universo de apenas 2 mil leitores, o alternativo ampliou seu público de forma globalizada, já que a arquitetura tecnológica da Rede é aberta, possibilitando amplo acesso, sem restrições no momento, governamental ou comercial.

A comunidade *Somos Todos Lúcio Flávio Pinto* consolidou as ações alternativas do jornalista na Web<sup>2</sup>. Hoje a causa do jornalista e os grandes temas publicados de forma crítica e analítica pelo *Jornal Pessoal* como trabalho escravo em pleno século XXI – a grilagem de terras, o tráfico internacional de drogas, o monopólio das comunicações, o nepotismo no Judiciário paraense, a prostituição infantil, os assassinatos no campo, os conflitos fundiários, as grandes devastações e queimadas, os desmandos dos poderes constituídos institucionalmente, as perseguições políticas a jornalistas, a matança de índios, etc. – saíram do circuito local e são conhecidos no mundo inteiro. Trata-se de uma nova esfera de ação comunicativa na Web, engrossando as fronteiras de outras esferas alternativas que se organizam, de forma independente do Estado e de suas estruturas corporativas formais, contra as injustiças sociais na Amazônia.

---

2 Cf. IMAGEM do homepage *site* Lúcio Flávio Pinto. Disponível em: <<http://somostodoslucio-flaviopinto.wordpress.com/>>. Acesso em: 7 abr. 2013.

## A Rede das redes: a nova era da comunicação alternativa

A internet é a estrutura central da comunicação global mediada por computadores (CMC). Trata-se da Rede que conecta as redes. A coexistência de interesses e culturas na Rede resultou na forma da World Wide Web (WWW) – Rede de Alcance Mundial. (CASTELLS, 1999)

A internet, como base da CMC, favorece a criação de comunidades virtuais que, de acordo com Rheingold (1996 *apud* CASTELLS 1999, p. 443), “são redes eletrônicas autodefinidas de comunicações interativas e organizadas ao redor de interesses ou fins em comum” e podem ser de dois tipos, as formalizadas, portanto patrocinadas; ou as concebidas por meio de ações espontâneas nas redes sociais. A rede em solidariedade a Lúcio Flávio Pinto obedece ao segundo formato e se materializa a partir de uma postura de contra-hegemonia de indivíduos envolvidos em formas interativas de comunicação, com a finalidade de furar o fluxo unilateral das mídias oficiais e do Estado na Amazônia.

Os primeiros a usar a Web como ferramenta política foram os grupos fundamentalistas cristãos, os militares norte-americanos nos Estados Unidos da América e os Zapatistas, movimento contra-hegemônico que surgiu nas florestas do sudoeste mexicano.

Mas a internet, aos poucos, começou a ser usada por cidadãos comuns como um meio poderoso para a sociedade civil global protestar. No início da década de 1990, por exemplo, Castells (1999, p. 449) informa que a democracia local dos Estados Unidos começou a ser ativada por meio de várias experiências cidadãs. Ele cita a cidade de Santa Mônica, na Califórnia, em que pessoas debateram questões dos sem-teto e transmitiram as opiniões ao governo.

Experiências mais recentes são registradas em várias partes do mundo. Castells (2013), ao analisar a construção das recentes manifestações populares que aconteceram no mundo árabe, na Espanha e nos Estados Unidos, destaca que o ponto fulcral dos movimentos populares foi a superação do medo, sentimento paralisante que é estimulado pelos órgãos do Estado para se prosperarem e se reproduzirem, por intimidação, visando à perpetuação da violência simbólica do poder.

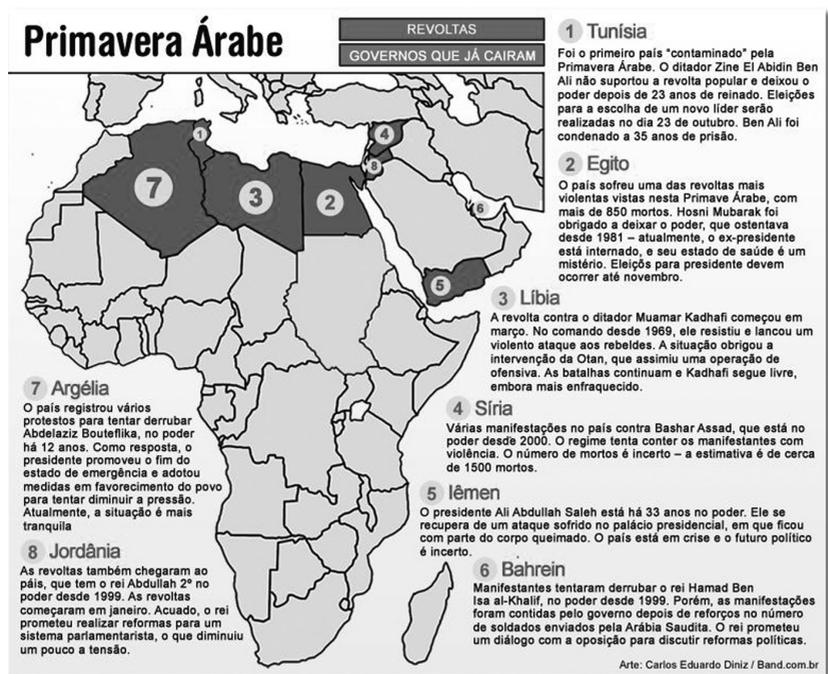
Da segurança do ciberespaço, já que esta concede o anonimato, pessoas tiveram a coragem de ocupar os espaços públicos na rua para reivindicar seu direito de fazer história (CASTELLS, 2013, p.8). Os atos de protestos que explodiram em 2011 no mundo árabe em decorrência do desemprego e da monopolização de poder e riqueza em mãos de ditadores que comandavam vários países há anos são exemplos do que

Castells (2013, p. 23) chama de “empoderamento”.

Os conflitos nesta região, que ficaram conhecidos como Primavera Árabe, não eram novos, mas ganharam uma grande dimensão por meio de mobilizações sociais na Web. A origem do movimento foi a morte de um rapaz tunisiano, Mohamed Bouazizi, que estava desempregado. Ele queimou o próprio corpo em 17 de dezembro de 2010, em protestos contra as condições de vida do seu país.

O nome de Mohamed Bouazizi, vendedor ambulante de 26 anos, agora está gravado na história como o daquele que mudou o destino do mundo árabe. Sua autoimolação por fogo [...] foi seu último grito de protesto contra a humilhação que era para ele o repetido confisco de sua banca de frutas e verduras pela polícia local, depois de ele recusar-se a pagar a propina. O primo de Mohamed, Ali, registrou o protesto e distribuiu o vídeo pela internet. Houve outros suicídios e tentativas de suicídios simbólicos que alimentaram a ira e estimularam a coragem da juventude. (CASTELLS, 2013, p. 24)

Os protestos nas ruas da Tunísia, ampliados pelas postagens na internet, eram contra a ditadura do presidente Zine el-Abdine Ben Ali. As manifestações levaram a queda do presidente desde 1987 no poder. No Egito aconteceram mobilizações contra o regime autoritário de Hosni Mubarak. O povo egípcio, composto por 70% de jovens, utilizou a internet para marcar data, hora e local das manifestações. O resultado foi a saída de Hosni Mubarak, que estava no poder havia 30 anos. Eis o mapa dos países que participaram da Primavera Árabe:



**FIGURA 1** – Mapa dos países árabes.  
Fonte: PRIMAVERA Árabe.  
Disponível em: <<http://redes.moderna.com.br/2013/01/16/primavera-arabe/>>. Acesso em: 11 mar. 2013.

As manifestações de junho de 2013 em diversas regiões do Brasil também não poderiam deixar de ser citadas. Os protestos começaram em São Paulo. Centenas de jovens se articularam pelas redes sociais para protestar contra o aumento de R\$ 0,20 no valor da passagem de ônibus. Do virtual para o real, a juventude ganhou as ruas não somente de São Paulo como nas de várias capitais do país, para exigir melhoria na qualidade de vida, com transporte público, saúde e educação decentes.



**FIGURA 2** – Foto das manifestações de junho de 2013.

Fonte: FOTO das manifestações 2013, Brasil. Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?q=fotos+das+manifestações+de+2013&biw=1093&bih=514&tbm=isch&imgil=jqDoMM\\_egVYpGM%253A%253BizlfdJGcpg](https://www.google.com.br/search?q=fotos+das+manifestações+de+2013&biw=1093&bih=514&tbm=isch&imgil=jqDoMM_egVYpGM%253A%253BizlfdJGcpg)>. Acesso em: 5 jul. 2013.

Esses exemplos demonstram que, na contemporaneidade, as microrredes ou redes como *blogs*, *fotologs*, comunidades, YouTube, MSN, Facebook, Twitter, etc., construídas com base na sociedade civil, representam um novo espaço de luta que é travada “à margem da mídia tradicional, mas que vai pelas bordas corroendo os grandes conglomerados e, dia após dia, ganhando novos leitores e adeptos”. (FERRARI, 2010, p. 36).

### **A Rede STLFP na geopolítica contemporânea**

Antes de adentrar na análise da rede contra-hegemônica que se formou em solidariedade ao jornalista, é pertinente enfatizar a nova configuração geopolítica contemporânea assentada na revolução científico-tecnológica

que possibilitou, dentre outros fatores, a ampliação da comunicação e de relações, por meio de fluxos e redes, em espaços-tempos diferenciados. (BECKER, 2005)

A geopolítica, entendida como relações entre poder e espaço geográfico (BECKER, 2005), antes, era caracterizada por pressões, intervenções, guerras e conquistas do território, bem como estava representada no âmbito do poder do Estado. Na contemporaneidade esse cenário mudou radicalmente. A geopolítica hoje se materializa na capacidade de poder influir de forma velada na tomada de decisão dos Estados sobre o uso do território. E para isso a Rede das redes torna-se fundamental.

De acordo com Becker (2005, p. 1).

[...] hoje, na acentuação de diferentes espaços-tempos reside uma das raízes da geopolítica contemporânea. As redes são desenvolvidas nos países ricos, nos centros do poder, onde o avanço tecnológico é maior e a circulação planetária permite que se selecionem territórios para investimentos, seleção que depende também das potencialidades dos próprios territórios. Ocorre que ao se expandirem e sustentarem as riquezas circulante, financeira e informacional, as redes se socializam. E essa socialização está gerando movimentos sociais importantes, os quais também tendem a se transnacionalizarem.

Esse novo cenário gerou dois movimentos internacionais bastante complexos. Becker (2005) informa que o primeiro está relacionado ao sistema financeiro, da informação, do domínio do poder efetivamente das potências; já o segundo encontra-se no âmbito do internacionalismo dos movimentos sociais com seus atores sociais buscando a própria territorialidade, acima e abaixo da escala do Estado, a própria geopolítica, articulando-se em escala planetária. “A Amazônia é um exemplo vivo dessa nova geopolítica, pois nela se encontram todos esses elementos.” (BECKER, 2005, p. 1)

É no âmbito dessa geopolítica contemporânea que se originou a Rede Somos Todos Lúcio Flávio Pinto, permitindo articulações e interações locais/ nacionais/globais para ampliar os protestos contra as violências físicas e jurídicas que o jornalista vem enfrentando por denunciar no Jornal Pessoal os sucessivos projetos geopolíticos internacionais e seus impactos ambientais e sociais na Amazônia. Trata-se de uma teia de outras redes que se posicionou politicamente tanto nacional quanto internacionalmente, promovendo manifestações e comentários na internet, com notícia e reportagens pelo mundo.

Por atitudes dessa natureza é que Downing (2002, p. 270-271), pesquisador britânico, acredita que a internet, com foco numa postura de contra-hegemonia, pode se transformar na “primeira esfera pública global” ao oportunizar “aos indivíduos e coletivos independentes de todo o mundo, a chance de comunicar-se, com suas próprias vozes, com uma audiência internacional de milhões de pessoas”.

Esse exercício político da Rede Somos Todos Lúcio Flávio Pinto foi adquirido, no período de 1960-1985, era pré-internet, ambientada pela ditadura militar no Brasil, quando muitos amazônidas tiveram de lutar contra o projeto geopolítico dos novos donos do poder cuja matriz era a apropriação privada das terras da Amazônia ao capital nacional e internacional. Grandes empresários nacionais e estrangeiros foram atraídos para a região por meio de vantagens de políticas públicas, propostas pelos militares. Mas a convivência com os povos tradicionais, como índios, caboclos, ribeirinhos, seringueiros, colonos, não foi pacífica.

É a partir da década de 1970, como resposta a apropriação privada da terra e da natureza em geral pelo capital, com o consequente desapossamento e a expulsão de seus antigos moradores, que os movimentos sociais começam a se organizar e a definir mais concreta e objetivamente, estratégias de negociação e linhas de ação para fazer frente e resistir ao avanço do capital, embora o primeiro movimento social de luta pela terra tenha sido registrado na região antes de 1970. (LOUREIRO, 2009, p. 46)

Como a terra amazônica foi colocada à venda ou grilada – apropriação irregular da terra, por meio de documentos falsos – Loureiro (2009) informa que, no início da década de 1990, os conflitos e os movimentos sociais de resistência intensificaram-se e distribuíram-se em vários e diversos tipos. “Os casos mais generalizados diziam respeito aos conflitos decorrentes da grilagem de terras, com posterior apropriação da mesma pelo comprador, ou a revenda da terra grilada” (LOUREIRO, 2009, p. 47). Na maioria dos casos, a terra pertencia a povos tradicionais da região que, à revelia, sofriam e ainda sofrem com a prática da grilagem, seguida de apropriação e venda de seus terrenos.

Mas entre avanços e derrotas, é importante lembrar que hoje, na geopolítica contemporânea, proporcionada pelos avanços na área da tecnologia e da comunicação, “essa sociedade tem voz ativa na Amazônia e no Brasil, inclusive muitos grupos indígenas”. (BECKER, 2005, p. 2)

A Rede *Somos Todos Lúcio Flávio Pinto* é um exemplo de ação constatatória em solidariedade à causa do jornalista, que, de uma forma

mais ampla, transforma-se em uma radical insubordinação ao modelo de desenvolvimento hegemônico imposto à Amazônia.

## Ações políticas da Rede STLFP

A importância de participações políticas coletivas na Web, do perfil da Rede *Somos Todos Lúcio Flávio Pinto*, ganha uma dimensão ímpar na história da Amazônia, região de dimensões gigantescas que abriga na parte brasileira quase a metade do território do país. O acesso ainda é difícil, lento, caro, mas as redes de computadores têm possibilitado, gradualmente, novas formas de organização, participação e solidariedade comunitária na região.

A campanha começou na rede social do Facebook por meio da seguinte *fanpage*: “Lúcio Flávio Pinto”, com mais de 3 mil internautas, e no microblog do *site* com outros seguidores. Eis as imagens do Facebook e do Twitter:

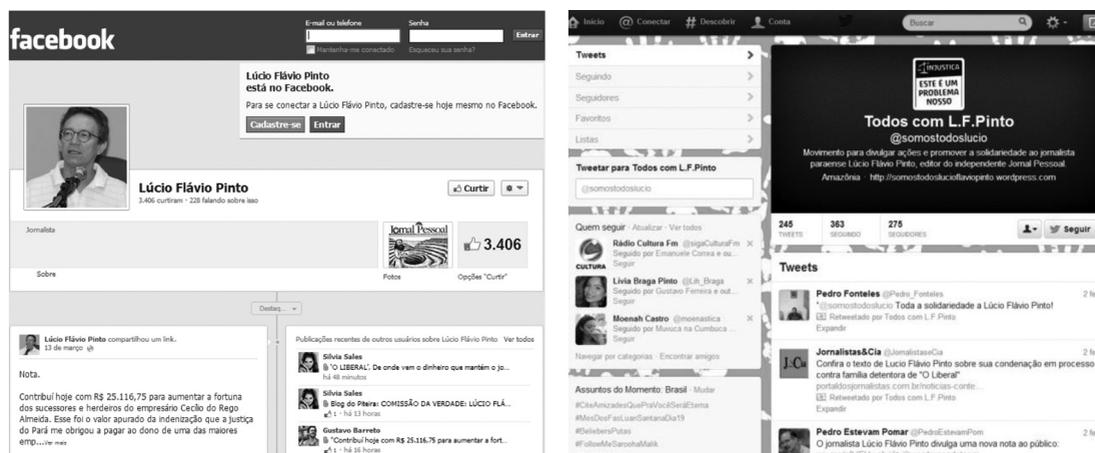


FIGURA 4: Imagens do Facebook e do Twitter do *Somos Todos Lúcio Flávio Pinto*.

Fonte: IMAGENS de Facebook e Twitter de Lúcio Flávio Pinto. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/L%C3%BAcio-Fl%C3%A1vio-Pinto/141568969261232>> e <<https://twitter.com/somostodoslucio>>. 2013. Acesso em: 5 mar. 2012.

Tão logo a ação em solidariedade ao jornalista foi deflagrada, houve uma mobilização nas redes sociais (Facebook, Twitter, e-mail, etc.) com notícias, comentários, fotos, vídeos, notas, após a divulgação do texto-denúncia de Lúcio Flávio Pinto na Web:

[...] Como no poema hindu, se alguém tem que queimar para que se romпам as chamas, que eu me queime. [...] Não pretendo

o papel de herói. [...]. Sou apenas um jornalista. Por isso, preciso, mais do que nunca, do apoio das pessoas de bem. Primeiro para divulgar [...] iniquidades, que cerceiam o livre direito de informar e ser informado, facilitando o trabalho dos que manipulam a opinião pública conforme seus interesses escusos. Em segundo lugar, para arcar com o custo da indenização. (PINTO, 2012)

Uma das primeiras postagens na Web, datada do dia 13 de fevereiro de 2012, foi do respeitado jornalista Raul Martins Bastos enviado, por e-mail, ao jornalista Ricardo Kotscho.

[...] Os amigos do Lúcio Flávio, dentre os quais com muito orgulho me incluo, decidiram que ele não pode e nem vai ficar sozinho. Vamos batalhar para tentar esgotar todas as possibilidades jurídicas do caso. Vamos batalhar para que o caso ganhe espaço na imprensa e nas redes sociais. Vamos chamar a atenção da imprensa especializada e internacional para o caso. Vamos batalhar, se por acaso ocorrer o pior, para que ele tenha recursos para enfrentar a situação. O objetivo deste email é pedir a sua ajuda. Primeiro, divulgando o que está acontecendo no seu veículo de comunicação, na sua coluna, nos sites, redes sociais. Depois, nos ajudando nas ações nas áreas das comunicações e mobilização que tomaremos diante de cada circunstância. (BASTOS, 2012 *apud* BALAIO... 2012).

Ricardo Kotscho respondeu com artigo intitulado “Jornalista ameaçado: somos todos Lúcio Flávio” no dia 15 de fevereiro de 2012, postado no *blog Balaio do Kotscho*, com a publicação na íntegra do texto de Raul Bastos.

Lúcio Flávio Pinto foi condenado pela justiça do Pará a indenizar por danos morais um dos maiores grileiros da Amazônia brasileira, Cecílio do Rego Almeida, dono da Construtora C. R. Almeida. O empreiteiro se disse ofendido porque Lúcio Flávio Pinto o chamou de “pirata fundiário” em uma de suas matérias publicadas em 1999 no *Jornal Pessoa*. Cecílio do Rego Almeida grilou uma área de quase 5 milhões de hectares no Vale do rio Xingu, conhecida como Terra do Meio, no Pará.

Nessas terras há a exploração de madeira, mineração e garimpagem, além de tráfico de drogas e contrabando de ouro (LOUREIRO, 2009). Por ser rica em recursos naturais, a Terra do Meio apresenta um histórico de muitos conflitos entre vários atores sociais.

Nessa região, os pequenos produtores são ameaçados de morte, juntamente com agente pastoral, religiosos e membros de

entidades não governamentais que a estes conferem seu apoio na luta pela terra e pelo trabalho. Outros atores sociais, como agrimensores, fazendeiros, trabalhadores-escravos, ‘gatos’, peões, grileiros e fraudadores de papéis, matadores de aluguel, pilotos de pequenos aviões que aterrissam em campos de pouso clandestinos, garimpeiros, contrabandistas, madeireiros, compõem o quadro de personagens que se enredam em conflitos que, às vezes, tomam proporções impensáveis, envolvendo centenas de pessoas. (LOUREIRO, 2009, p. 78)

Esses conflitos sociais, exaustivamente analisados nas páginas do *Jornal Pessoal*, não passaram à margem da terra grilada pelo empreiteiro. Apesar de a área ter sido declarada patrimônio público pela justiça federal e o nome de Cecílio do Rego Almeida aparecer no “Livro Branco” da grilagem de terras do Governo Federal, o jornalista foi condenado a pagar 8 mil reais em valores de 2006.

Em 2013 o valor corrigido chegou a R\$ 25.116,75. As evidências da grilagem, fartamente comprovada em documentos pelo jornalista, foram deixadas de lado pelos magistrados do TJE-PA que acompanhavam o caso. Cecílio do Rego Almeida faleceu em 2008, mas os herdeiros assumiram a causa.

Em uma semana de mobilização na Web, a Rede *Somos Todos Lúcio Flávio Pinto* conseguiu o valor necessário para pagar a sentença indenizatória determinada em 2006 pelo Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJE). Lúcio Flávio Pinto, em carta publicada aos seus leitores no dia 14 de fevereiro de 2012, disse que não acreditava mais na Justiça do Estado do Pará e informou que o STJ alegou o seguinte, ao não receber seu recurso:

[...] Em razão da deficiente formação do instrumento; falta cópia do inteiro teor do acórdão recorrido, do inteiro teor do acórdão proferido nos embargos de declaração e do comprovante de pagamento das custas do recurso especial e do porte de remessa e retorno dos autos. [...] A partir daí eu teria prazo para entrar com um recurso contra o ato do ministro. Ou então através de uma ação rescisória. Como o ministro do STJ negou seguimento ao agravo, a corte não pode apreciar o mérito do recurso especial. A única sentença de mérito foi a anterior, do Tribunal de Justiça do Estado, que confirmou minha condenação, imposta pelo juiz substituto (não o titular, portanto, que exerceu a jurisdição por um único dia) de uma das varas cíveis do fórum de Belém. Com a ação, o processo seria reapreciado. [...] (PINTO, 2012)

Como o TJE-PA demorou a executar a sentença, no dia 12 de março de 2013, Lúcio Flávio Pinto compareceu espontaneamente na sede do Tribunal e pediu para pagar a indenização à família do empreiteiro, depositando o valor de R\$ 25.116,75 em conta do poder judiciário<sup>3</sup>. A postura do jornalista, inédita neste fórum amazônico, movimentou novamente as redes sociais do mundo. Eis a imagem do *site* criado pela Rede *Somos Todos Lúcio Flávio Pinto* com a nota ao público do jornalista divulgando que fez o pagamento da indenização à família do empreiteiro.

## TODOS COM LÚCIO FLÁVIO PINTO

HOME QUEM É ELE QUEM SOMOS ABAIXO-ASSINADOS

PELO FIM DA PERSEGUIÇÃO POLITICA AO JORNALISTA LUCIO FLAVIO PINTO

13/03/2013 - 2:29 PM

**O que há de novo:**

- Lúcio Flávio Pinto paga indenização aos herdeiros do grileiro de 5 milhões de hectares de terras públicas do Xingu
- Novo JP nas bancas esta semana
- Nota ao Público de Lúcio Flávio Pinto
- Para assinar o manifesto de solidariedade a Lúcio Flávio Pinto
- Divulgado manifesto nacional em solidariedade a Lúcio Flávio Pinto
- Uma errata

**Somos todos Lúcio Flávio Pinto**

- Ação coletiva
- Direito de resposta
- Dizem por aí
- Manifestos de Solidariedade
- O que Lúcio nos diz
- Registrado nos autos
- Sobre ele

**Abaixo-assinado**

**Lúcio Flávio Pinto paga indenização aos herdeiros do grileiro de 5 milhões de hectares de terras públicas do Xingu**

**NOTA AO PÚBLICO**

Depositei ontem em conta do poder judiciário R\$ 25.116,75. Esse dinheiro, obtido através de coleta pública nacional pela internet, se destina aos sucessores e herdeiros do empresário Cecílio do Rego Almeida. Corresponde à indenização que a justiça do Pará me obrigou a pagar ao dono de uma das maiores empreiteiras do Brasil, a Construtora C. R. Almeida, com sede no Paraná.

Foi o desfecho de uma ação que ele iniciou em 2000. Alegou ofensa à sua honra pessoal por eu o ter chamado de pirata fundiário, em artigo publicado no meu *Jornal Pessoal*. Na época, cobrou R\$ 4 mil como reparação pela sua honra ofendida. O valor final, de R\$ 25 mil, decorreu da correção monetária e dos acréscimos do processo.

Eu podia continuar a recorrer, como fiz ao longo de mais de 10 anos. Mas achei que o cinismo, a injustiça e o propósito deliberado de me atingir exigiam uma resposta mais contundente, à altura do surrealismo da situação. Decidi não recorrer mais. E fiz algo inédito nos anais forenses: compareci espontaneamente ao foro e pedi para pagar a indenização.

FIGURA 5 – Home page do site Lúcio Flávio Pinto.

Fonte: IMAGEM do homepage site Lúcio Flávio Pinto. Disponível em: <<http://somostodoslucioflaviopinto.wordpress.com/2013>>. Acesso em: 7 abr. 2013.

À época a campanha de arrecadação do *Manifesto pró-Lúcio Flávio* contou com a seguinte conta: Banco do Brasil, agência 3024-4, conta-poupança 22.108-2, em nome de Pedro Carlos de Faria Pinto, irmão do jornalista e administrador do fundo. Após a campanha atingir a soma do valor indenizatório, Lúcio Flávio Pinto agradeceu a todos e solicitou a suspensão da contribuição financeira.

3 “Pará recupera terras”, Foi a manchete de capa do *Jornal Pessoal*, n. 533, mar, 2013, informando aos leitores que “graças a justiça federal, o Pará vai ter de volta ao seu patrimônio quase cinco milhões de hectares de terras que o grileiro Cecílio do Rego Almeida tentou se apossar. Os sucessores do empresário perderam o prazo do recurso e a sentença condenatória transitou em julgado”. (PINTO, 2013)

Quem vai pagar pela decisão aviltante do TJE do Pará será o contribuinte, o cidadão, que, no dia da execução da sentença absurda, comparecerá ao Palácio da Justiça para testemunhar o ato desonroso. Dessa roda não participaram as instituições. [...] Elas se calaram, se omitiram ou se acovardaram. (LÚCIO..., 2012)

O ativismo político da Rede *Somos Todos Lúcio Flávio Pinto* não permaneceu apenas no mundo virtual. Houve mobilização social por meio de diversas campanhas para coleta de assinaturas em praças públicas de Belém, como a da República, logradouro escolhido para o lançamento do abaixo-assinado em favor do jornalista. O documento, que registra a história de perseguição do jornalista na Amazônia, alvo de 33 processos na Justiça do Pará, foi encaminhado à então ministra do Superior Tribunal de Justiça (STJ), Eliana Calmon, corregedora do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) com centenas de assinaturas. (FARO, 2013)

A Rede promoveu, ainda, mesas-redondas, palestras e seminários. Um ato público importante aconteceu no dia 6 de março de 2012, no auditório do Ministério Público Federal-PA. O evento contou com debates, mostra de vídeo, apresentação de música e mais coleta de assinatura. Houve transmissão ao vivo pela internet.

No dia 27 de fevereiro de 2013, foi lançada outra manifestação nacional em solidariedade a Lúcio Flávio Pinto por importantes associações públicas, movimentos sociais, partidos políticos, universidades, além de adesões individuais. No documento da manifestação, destacam-se não somente o caso da grilagem de terras na Amazônia por Cecílio Rego Almeida, mas também os processos jurídicos de 1992/1993 e em 2005 pela família Maiorana, com 19 ações, entre cíveis e criminais, no TJE-PA, contra Lúcio Flávio Pinto. O jornalista em artigo do *Jornal Pessoal*, edição de capa intitulada “O rei da quitanda”, denunciou o monopólio dos meios de comunicações pela família Rômulo Maiorana na Amazônia e seu esquema de poder político e econômico sobre governos e empresas. De acordo com trechos do manifesto:

[...] O judiciário paraense, em grande parte, tem usado parâmetros claramente tendenciosos quando avalia os processos contra LFP. Em geral são dois pesos e duas medidas. O peso da bigorna inevitavelmente tem ficado nas costas do jornalista. [...] Analisando os processos, observa-se que vários foram os juízes que se afastaram dos casos que envolvem LFP e os poderosos da região, alguns por suspeição, outros alegando motivo de foro íntimo. O forte simbolismo da ‘justiça cega’ estará sempre ancorado na crença da imparcialidade, essência da mesma. Quando a justiça,

e aqueles que cuidam dela, fecha os olhos para si mesma, abrem-se os tortos caminhos pautados, apenas, por interesses políticos e econômicos. Lúcio Flávio Pinto, a sociedade brasileira e, em especial, a sociedade paraense, só querem que a justiça seja cega, e justa. [...]. (MANIFESTO..., 2013)

A divulgação na internet do manifesto em prol de Lúcio Flávio Pinto remete aos argumentos de Downing (2002), quando ressalta que na era da comunicação alternativa na Web há duas questões importantes a se considerar no que diz respeito aos produtores de mídias alternativas e os ativistas populares. A primeira é que, por meio das redes eletrônicas, os cidadãos envolvidos nos movimentos sociais podem se expressar diretamente em documentos postados na Rede das redes. Isso suscita uma mudança democrática substancial ao trocar “a estratégia de dar voz aos que não têm voz pela estratégia de deixar as pessoas falarem por si mesmas” (DOWNING, 2002, p. 275). Já a segunda está ligada às tendências socioeconômicas contemporâneas forçando “os ativistas sociais a ficarem na defensiva, lutando para proteger as liberdades civis e os direitos humanos, ao mesmo tempo que contestam as políticas econômicas regressivas”. (DOWNING, 2002, p. 275)

Sob esse aspecto proposto por Downing, as fronteiras que separavam o jornalismo de Lúcio Flávio Pinto dos ativistas populares e intelectuais que apoiam sua causa estão cada vez mais tênues. No *site Somos Todos Lúcio Flávio Pinto* foi possível observar uma hibridização de textos do jornalista com opiniões, textos e outras postagens dos ativistas e leitores do *Jornal Pessoal*.

Mais uma vez, a Rede *Somos Todos Lúcio Flávio Pinto* provocou a formação de várias redes de ativismo político na Web.

## Conclusão

Na geopolítica contemporânea, a Amazônia não pode mais ser um reduto exclusivo de uma elite que nasceu fadada a encarar a região como colônia de matérias-primas e produtos semi-industrializados para alimentar tão somente o mercado internacional.

A Rede *Somos Todos Lúcio Flávio Pinto* é um exemplo de rebeldia e ativismo político na Web contra a perseguição jurídica e política que o jornalista vem enfrentando há 22 anos, e de forma mais ampla, contra todas as injustiças sociais da região. Trata-se de um movimento que utiliza a Rede das redes para exigir no debate global o direito e a liberdade de comunicação na Amazônia sem os filtros oficiais do Estado, dos

meios de comunicação aliados e de um tribunal que ousa transgredir formas elementares de direitos, incluídos os da Constituição do país.

A autora deste artigo adere a essa causa da Amazônia. Negligenciar a história de luta do jornalista Lúcio Flávio Pinto é negligenciar uma parte considerável da história contemporânea da Amazônia.

---

***Net We are all Lúcio Flávio Pinto: rebelliousness and Amazonian political activism in the Web***

***Abstract***

*This article, analyzes the formation of an alternative network created in 2012, in the Web, in solidarity to the journalist and sociologist Lúcio Flávio Pinto, editor of the Jornal Pessoal. The hypothesis of this scientific communication is based on the civic action that the net against-hegemonic has provided in the contemporary geopolitics when giving visibility, through articulations and interactions local/national/global, to the juridical and political persecution that the journalist is suffering by part of the Rômulo Maiorana Organizations, one of the most powerful companies of Communication in the Amazonia, by contractors that take possession illegally of lands in the area and by the Court of the State of Pará (TJE-PA), represented by judges and Appeals Court judge that use as modus operandi the power to deny resources petitioned by the journalist in his defense. The purpose is to silence the independent voice of the journal, that this year will complete 27 years of performance in defense of the public cause in the Amazonia. The network of readers, activists and journalism professionals come if constituting a new sphere of communicative action in the Web, thickening other alternative spheres that are organized, independently of the State, against the injustices in the area. The authors guiding this study are Manuel Castells, John Downing, Berta Becker and Violeta Loureiro.*

***Keywords:*** Network. Virtual community. Alternative public sphere. Amazônia.

---

**Referências**

BASTOS, Raul Martins. A história de uma injustiça: uma indignidade. In: BALAIO do Kotscho. *Jornalista ameaçado: somos todos Lúcio Flávio Pinto*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/ricardo-kotscho/2012/02/14/jornalista-ameacado-somos-todos-lucio-flavio/>>. Acesso em: 18 fev. 2012.

BECKER, Bertha K. A geopolítica da Amazônia. *SciELO: estudos avançados*, São Paulo, v. 19, n. 53, jan./abr. 2005.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DOWNING, John. *Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*. São Paulo: Senac, 2002.

FARO, Sheila. *Abaixo-assinado em favor de Lúcio Flávio Pinto*. Entrevista da presidente do Sindicato dos Jornalistas do Pará concedida à Célia Regina Trindade Chagas Amorim por telefone, 14 de abril de 2013.

FERRARI, Pollyana. *A força da mídia social: interface e linguagem jornalística no ambiente digital*. São Paulo: Factash, 2010.

FOTO das manifestações 2013, Brasil. Disponível em: <[https://www.google.com.br/search?q=fotos+das+manifestações+de+2013&biw=1093&bih=514&ctbm=isch&imgil=jqDoMM\\_eGYpGM%253A%253BizlfdJGcpg](https://www.google.com.br/search?q=fotos+das+manifestações+de+2013&biw=1093&bih=514&ctbm=isch&imgil=jqDoMM_eGYpGM%253A%253BizlfdJGcpg)>. Acesso em: 5 jul. 2013.

GRAMSCI, Antonio. *Cuaderno de la cárcel*. Edición crítica del Instituto Gramsci a cargo de Valentino Gerratana. México: Era, 1986.

IMAGEM do *homepage site* Lúcio Flávio Pinto. Disponível em: <<http://somostodoslucioflaviopinto.wordpress.com/2013>>. Acesso em: 7 abr. 2013.

IMAGENS de Facebook e Twitter de Lúcio Flávio. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/L%C3%BAcio-Fl%C3%A1vio-Pinto/141568969261232>> e <<https://twitter.com/somostodoslucio>>. Acesso em: 5 mar. 2012.

IMAGENS Mapa da primavera árabe, a primavera inacabada. Disponível em: <<http://www.blog-dowolfarth.com/2011/12/fotos-marcantes-de-2011.html>>. Acesso em: 2 fev. 2011.

LANÇAMENTO de abaixo-assinado em favor de Lúcio Flávio. Disponível em: <<http://somostodoslucioflaviopinto.wordpress.com/2012/03/04/lancamento-de-abaixo-assinado-em-favor-de-lfp/>>. Acesso em: 14 dez. 2012.

LOUREIRO, Violeta Refklefsky. *A Amazônia no século XXI: novas formas de desenvolvimento*. São Paulo: Empório do Livro, 2009.

LÚCIO Flávio Pinto agradece ao público pela solidariedade. 2012. Disponível em: <<http://somostodoslucioflaviopinto.wordpress.com/2012/03/02/lucio-flavio-pinto-agradece-ao-publico-pelo-sucesso-da-campanha/>>. 2012. Acesso em: 12 nov. 2012.

*MANIFESTO em defesa* do jornalista Lúcio Flávio Pinto. *EcoDebate: cidadania & meio ambiente*, 4 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2013/03/04/manifesto-contra-a-pesego-politico-politica-ao-jornalista-lucio-flavio-pinto/>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

PINTO, Lúcio Flávio. *Contra a injustiça*. 14 fev. 2012. Disponível em: <<http://notapajos.globo.com/lernoticias.asp?id=47438>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

PINTO, Lúcio Flávio. *Guerra amazônica: o jornalismo na linha de tiro de grileiros, madeireiros, intelectuais, etc*. Belém: O Autor, 2005. Edição independente com textos extraídos do *Jornal Pessoal*.

PINTO, Lúcio Flávio. Pará recupera terras. *Jornal Pessoal*, n. 533, mar. 2013. Disponível em: <[https://www.facebook.com/permalink.php?id=141568969261232&story\\_fbid=289914247806780](https://www.facebook.com/permalink.php?id=141568969261232&story_fbid=289914247806780)>. Acesso em: 16 abr. 2012.

PRIMAVERA árabe. Disponível em: <<http://redes.moderna.com.br/2013/01/16/primavera-ara-be/>>. Acesso em: 11 mar. 2013.

RHEINGOLD, Howard. *La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras*. Barcelona: Gedisa, 1996 (Col. Límites de la ciencia).

Enviado em 30 de setembro de 2014.

Aceito em 1º de novembro de 2014.